



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVESITÁRIO DE ALTAMIRA
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA
FACULDADE DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR

ALESSANDRO DOS SANTOS RODRIGUES

QUANDO A NAVALHA CORTA A VIDA:
RACISMO E FEMINICÍDIO DA CRÔNICA À CENA

ALTAMIRA-PA
2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVESITÁRIO DE ALTAMIRA
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA
FACULDADE DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR

ALESSANDRO DOS SANTOS RODRIGUES

QUANDO A NAVALHA CORTA A VIDA:
RACISMO E FEMINICÍDIO DA CRÔNICA À CENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de título de licenciado (a) em Letras – Língua Portuguesa, pela Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará.

Orientador (a): Prof. Dr. Fernando Jorge dos Santos Farias

ALTAMIRA-PA
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R696q Rodrigues, Alessandro dos Santos.
Quando a navalha corta a vida: : racismo e feminicídio da crônica à cena / Alessandro dos Santos Rodrigues. — 2026.
XXXI,31 f.: il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. Fernando Jorge dos Santos Farias Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Letras - Língua Portuguesa, Altamira, 2026.
1. Racismo estrutural. 2. Feminicídio. 3. Literatura.
4. Teatro. 5. Transfiguração. I. Título.

CDD 809.93355

QUANDO A NAVALHA CORTA A VIDA:

racismo e feminicídio da crônica à cena *

Alessandro dos Santos Rodrigues
Fernando Farias (Orientador)

Resumo: O presente estudo discute o racismo e o feminicídio contra mulheres negras no Brasil a partir da crônica *Professora Benedita*, de Farias (2014), transfigurada para a peça teatral *Bené, Benedita!* (2024), roteirizada pelo mesmo autor. A história, suporte para as duas produções, tem origem em um caso real de racismo ocorrido em 2014, envolvendo uma estudante vítima de ofensas raciais na Universidade Federal do Pará – Campus Altamira, o que confere à narrativa um forte caráter de denúncia social. A leitura crítica investiga como a obra literária representa a violência estrutural e cotidiana sofrida por mulheres negras e de que modo a adaptação teatral amplia os sentidos da narrativa, possibilitando novas formas de representação, sensibilização e engajamento do público. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, fundamentada em pesquisa bibliográfica e documental (Gil, 2002). Os resultados evidenciam que a literatura e o teatro funcionam como instrumentos de memória, resistência e crítica social, contribuindo para a compreensão do racismo estrutural e do feminicídio, bem como para a ampliação do impacto simbólico e político da narrativa ao transitar da literatura para a cena.

Palavras-chave: Racismo estrutural. Feminicídio. Literatura. Teatro. Transfiguração.

Abstract: This study discusses racism and femicide against Black women in Brazil based on the chronicle “Professora Benedita” by Farias (2014), adapted into the play “Bené Benedita!” (2024), scripted by the same author. The story, which forms the basis for both productions, originates from a real case of racism that occurred in 2014, involving a student who was the victim of racial slurs at the Federal University of Pará – Altamira Campus, giving the narrative a strong character of social denunciation. The research investigates how the literary work represents the structural and everyday violence suffered by Black women and how the theatrical adaptation expands the meanings of the narrative, enabling new forms of representation, awareness, and audience engagement. The methodology adopted is qualitative in nature, with an exploratory and descriptive character, based on bibliographic and documentary research (Gil, 2002). The results show that literature and theater function as instruments of memory, resistance, and social critique, contributing to the understanding of structural racism and femicide, as well as to the expansion of the symbolic and political impact of the narrative when transitioning from literature to the stage.

Keywords: Structural racism. Femicide. Literature. Theater. Transfiguration.

*Artigo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português), da Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir–UFPA/Altamira. Examinadores: Prof. Dr. Fernando Jorge dos Santos Farias (UFPA/Altamira, Orientador); Prof. Dr. Itamar Zuqueto Serra Neto (UFPA/Altamira, examinador 1); Prof. Dr. Paulo Roberto Vieira (UFPA/Altamira, examinador 2). Data e horário da apresentação: 02/04/2026, às 9h, sala de conferência do Laboratório de Linguagem (Campus Altamira).

1. PALAVRAS INICIAIS

O presente estudo tem como objetivo analisar o racismo e o feminicídio contra mulheres negras no Brasil a partir da crônica *Professora Benedita*, de Fernando Farias, e de sua transfiguração para a peça teatral *Bené, Benedita!*. Um dado fundamental para a compreensão da crônica é o fato de sua escrita ter origem em um caso real de racismo ocorrido em 2014, envolvendo a estudante Sônia Regina Abreu, vítima de ofensas raciais na Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Altamira. A partir desse episódio, o autor constrói uma narrativa literária que ficcionaliza a experiência vivida, convertendo-a em denúncia social e em reflexão crítica sobre o racismo estrutural presente nos espaços institucionais, especialmente no ambiente universitário.

A escolha desse objeto de análise justifica-se pela persistência histórica do racismo e da violência de gênero no contexto brasileiro, fenômenos que não se configuram como eventos isolados, mas como expressões de um sistema social estruturado por heranças coloniais, patriarcais e raciais. Esse sistema manifesta-se nas esferas institucionais, econômicas e culturais, contribuindo para a manutenção das desigualdades sociais. Quando articuladas, as opressões de raça, gênero e classe atingem de forma mais intensa as mulheres negras, historicamente posicionadas em lugares de subalternização e vulnerabilidade social. Esses elementos constituem as bases históricas, estruturais e interseccionais da violência analisada neste estudo.

Nesse contexto, o feminicídio deve ser compreendido como uma forma extrema de violência, marcada por mortes evitáveis e sustentadas por uma lógica social que naturaliza a desigualdade e desvaloriza a vida das mulheres negras. Estudos e levantamentos nacionais indicam que esse grupo figura entre as principais vítimas da violência letal no país, o que evidencia a urgência de análises críticas que articulem essas violências às estruturas sociais que as produzem e reproduzem.

Diante desse cenário, a literatura configura-se como um importante instrumento de denúncia, memória e resistência. Ao representar o cotidiano e as experiências humanas, a literatura possibilita uma leitura crítica da realidade social. No caso da crônica, gênero marcado pela proximidade com a vida comum, acontecimentos cotidianos são transformados em reflexão social, permitindo problematizar estruturas de poder e desigualdade. A crônica *Professora Benedita* evidencia esse movimento ao narrar a trajetória de uma mulher negra cuja vida é atravessada pelo racismo e pela violência de gênero.

Ao ser transfigurada para o teatro, a narrativa literária amplia seu alcance simbólico e político. A adaptação para a linguagem cênica preserva o núcleo temático da obra, mas produz novos sentidos por meio da corporeidade, da voz, do espaço e da visualidade, intensificando o

impacto emocional e coletivo da narrativa e aproximando o público da experiência vivida pela personagem. O teatro, assim, potencializa a dimensão social da obra, contribuindo para a sensibilização e o engajamento do espectador diante das violências representadas.

A metodologia adotada fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, baseada em pesquisa bibliográfica e documental. Conforme Gil (2002), pesquisas exploratórias favorecem a familiarização com o problema e a explicitação de hipóteses, o que se adequa aos objetivos deste estudo, que busca compreender as representações do racismo e do feminicídio contra mulheres negras na literatura e em sua transfiguração teatral.

O título deste trabalho, *Quando a navalha corta a Vida*, retoma uma imagem presente no desfecho da crônica, na qual a violência sofrida pela personagem é descrita como um corte que dilacera não apenas o corpo, mas também a alma do narrador. Mais do que um elemento narrativo, a “navalha” é compreendida, neste estudo, como metáfora da violência histórica que atravessa os corpos de mulheres negras no Brasil. O corte que a atinge não interrompe apenas uma vida individual, mas incide sobre a memória, sobre o conhecimento e sobre a própria possibilidade de reescrever narrativas historicamente marcadas pela exclusão.

Seu corte simbólico representa o rasgo na dignidade, a ferida social produzida pelo racismo estrutural e pelo feminicídio, bem como a marca que se inscreve na memória coletiva. Ao transitar da crônica à cena, essa imagem deixa de operar apenas como descrição de um crime e passa a constituir-se como signo crítico da permanência histórica dessas violências justificando a escolha do título como eixo simbólico e analítico da pesquisa.

Dessa forma, este trabalho justifica-se por sua relevância acadêmica e social, ao contribuir para o debate sobre racismo estrutural, feminicídio e o papel da arte na conscientização e na transformação social. O objetivo geral consiste em analisar como a crônica *Professora Benedita* e sua adaptação teatral *Bené, Benedita!* abordam o racismo e o feminicídio, evidenciando os processos de transfiguração da narrativa literária para a cena. De modo específico, busca-se: identificar como a crônica representa a violência contra mulheres negras; compreender os procedimentos de transposição da narrativa para o teatro; e analisar os impactos dessa adaptação na sensibilização e no engajamento do público.

O trabalho está organizado em quatro seções: a primeira discute o racismo e o feminicídio contra mulheres negras no Brasil; a segunda analisa a crônica *Professora Benedita*; a terceira aborda sua transfiguração na peça *Bené, Benedita!*; e a última apresenta as considerações finais, destacando as contribuições da pesquisa para a reflexão acadêmica e social.

2. QUANDO COR E GÊNERO SE CRUZAM

O estudo inicia analisando a origem histórica do racismo contra pessoas negras. O processo de escravização, genocídio e colonização estabeleceu às populações negras uma condição de extrema violência e desumanização, posicionando-as como propriedade do homem branco europeu. Além disso, a permanência da colonialidade nos imaginários sociais continua a marginalizar essas populações, delimitando o acesso a direitos básicos, como educação e trabalho (Gomes; Araújo; Melo, 2025).

Esse processo histórico não se encerra no passado, mas permanece operando como base estruturante das relações sociais contemporâneas, configurando um racismo que se atualiza nas instituições, nos discursos e nas práticas cotidianas. Costa (2020, p. 21) explica que “a formação da nação brasileira se construiu a partir de um longo e doloroso processo que teve como alicerce o racismo, o sexismo e o genocídio”.

Para o autor, a colonização resultou no extermínio de povos indígenas, africanos(as) e mulheres, apagando suas culturas e conhecimentos. Nesse contexto, as mulheres negras foram historicamente as mais afetadas, submetidas a posições de subalternidade e carregando, mesmo no período pós-colonial, a herança da chamada colonialidade do poder (Costa, 2020). Dessa forma, a colonialidade do poder atua como um mecanismo contínuo de hierarquização social, no qual sujeitos racializados, especialmente mulheres negras, seguem sendo posicionados em lugares de exclusão, vulnerabilidade e invisibilidade social.

A violência contra a mulher negra é, portanto, marcada por uma longa história de dor. Sousa e Azevedo (2024, p. 57) afirmam que “no Brasil, a violência contra a mulher encontra raízes históricas, fruto de um contexto de conquistas, dominação e apropriação social das mulheres, legitimado pelos instrumentos legais vigentes”. Almeida (2018, p. 52) acrescenta que “mulheres negras são consideradas pouco capazes porque existe todo um sistema econômico, político e jurídico que perpetua essa condição de subalternidade, mantendo-as com baixos salários, fora dos espaços de decisão e expostas a todo tipo de violência”. Observamos, assim, que a violência contra a mulher negra não pode ser compreendida de forma isolada, uma vez que resulta da articulação entre racismo e sexismo, que operam simultaneamente na produção e reprodução das desigualdades sociais.

Essas violências se manifestam desde a infância e tornam-se mais evidentes na adolescência, sobretudo em ambientes escolares. A escritora e filósofa Djamila Ribeiro relata como o racismo marcou suas primeiras experiências na escola, configurando um divisor de águas em sua trajetória pessoal e social. Segundo a autora:

Desde cedo, pessoas negras são levadas a refletir sobre sua condição racial. O início da vida escolar foi para mim o divisor de águas: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade [...] “Neguinha do cabelo duro”, “neguinha feia” foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar (Ribeiro, 2019, p. 12).

O relato evidencia como o racismo se manifesta precocemente na vida de meninas negras, comprometendo a construção da identidade, da autoestima e do desempenho escolar, o que demonstra seu caráter estrutural e cotidiano. Casos semelhantes continuam a ocorrer em diferentes regiões do país. A estudante Maria Júlia Quirino, de 15 anos, relatou ter sofrido racismo em uma escola de Rio Claro, no interior de São Paulo. Segundo Dias e Alfano (2022), ao conversar com uma amiga sobre estar desanimada, um colega afirmou que isso se devia ao fato de ela ser preta, sugerindo que fosse “trabalhar na plantação de algodão”. Esse episódio reforça que o ambiente escolar, embora concebido como espaço de formação e inclusão, ainda reproduz práticas racistas que naturalizam a violência simbólica e reforçam estigmas historicamente construídos.

A pesquisadora Ana Cristina Juvenal da Cruz, da Universidade Federal de São Paulo, destaca que a escola reflete uma sociedade marcada pela escravidão, na qual práticas racistas são frequentemente disfarçadas como piadas. A ausência de repreensão institucional contribui para a perpetuação dessas violências, cujas consequências podem acompanhar os sujeitos negros ao longo de toda a vida (Dias; Alfano, 2022). Esse tipo de violência simbólica e cotidiana não se restringe ao ensino básico, estendendo-se também ao espaço universitário.

No ensino superior, o racismo assume formas mais sutis, porém igualmente excludentes. Um caso emblemático ocorreu na Universidade Federal do Piauí, onde a estudante Ana Vitória Leite denunciou ter sido vítima de racismo no Restaurante Universitário do campus de Teresina. Segundo Ferreira (2025), a estudante relatou ter sido abordada por um homem branco que questionou sua aparência, sua identidade e sua legitimidade naquele espaço acadêmico. A situação relatada exemplifica o funcionamento do racismo estrutural, que se expressa por meio de discursos e práticas institucionais que questionam a presença de pessoas negras, especialmente mulheres, em espaços historicamente elitizados, como a universidade.

Outro episódio ocorreu na Universidade Federal de Uberlândia. A Revista Veja (2017) noticiou que Dandara Tornantzin Castro, recém-formada em Pedagogia, foi vítima de agressão racista durante uma formatura, quando um homem branco puxou seu turbante e jogou cerveja sobre ela. Tais ocorrências demonstram que a violência racial, quando atravessada pela dimensão de gênero, expõe as mulheres negras a formas específicas de vulnerabilidade, evidenciando a necessidade de análises que considerem a sobreposição dessas opressões.

Nesse sentido, a violência sofrida pelas mulheres negras não pode ser analisada apenas

pela dimensão de gênero. Siqueira (2022, p. 23) afirma que “mulheres racializadas são resultado do colonialismo e da escravização que moldaram o modo de ser, pensar e viver do Ocidente”. Em complemento, Sousa e Azevedo (2024) ressaltam que a violência contra a mulher é um fenômeno social complexo, que atinge de forma mais intensa as mulheres negras. Essas múltiplas violências encontram sua expressão mais extrema no feminicídio. Para Gomes (2018, p. 12), o feminicídio é uma “morte violenta de uma mulher, evitável, sustentada por uma sociedade patriarcal, racista e capitalista”.

Para compreender essas violências de maneira mais ampla, torna-se fundamental recorrer ao conceito de interseccionalidade. Akotirene (2019, p. 14) define a interseccionalidade como um instrumento teórico-metodológico que permite compreender a inseparabilidade estrutural entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, sistemas que produzem múltiplas formas de opressão sobre mulheres negras.

Os dados estatísticos confirmam essa análise. Segundo o Jornal Bom Dia Brasil (2023), 62% das vítimas de feminicídio no país são mulheres negras. Dados do Instituto de Segurança Pública indicam que, apenas no Estado do Rio de Janeiro, 60% das vítimas de feminicídio em 2023 eram negras. Esses números evidenciam que gênero e raça operam de forma indissociável na produção da violência letal contra mulheres no Brasil.

Ao analisar a Região Norte, percebe-se uma invisibilidade ainda maior dessas violências. A extensão territorial, a dificuldade de acesso e a ausência de cobertura midiática contribuem para o silenciamento dos casos. Miranda e Carvalho (2022) apontam que mulheres da floresta, das águas e das cidades amazônicas enfrentam situações contínuas de violência, frequentemente invisibilizadas. Nesse contexto, a invisibilidade das violências na Região Norte reforça desigualdades regionais e raciais, contribuindo para a naturalização dessas práticas e para a ausência de políticas públicas eficazes.

É nesse cenário que se insere o caso ocorrido em 2014 na Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Altamira, envolvendo a estudante Sônia Regina Abreu, alvo de insultos racistas nas redes sociais. Segundo o G1 Pará (2014), as mensagens afirmavam que “em Altamira não há lugar para negros sujos”. A estudante relatou o impacto emocional do ocorrido, que incluiu ameaças de morte e exposição pública de sua identidade.

Esse episódio, amplamente repercutido, extrapolou o campo jornalístico e deu origem à crônica *Professora Benedita*, de Fernando Farias, publicada em 2014. A narrativa ficcionaliza o caso real, incorporando também a temática do feminicídio. Uma década depois, em 2024, a crônica foi transfigurada para o teatro na peça *Bené, Benedita!*, encenada pelo Grupo Artístico Cultural Não Se Assuste (GANSA), da UFPA. Assim, este capítulo demonstra que o racismo e o feminicídio contra mulheres negras constituem fenômenos históricos e estruturais, que se

manifestam de forma interseccional nos espaços sociais, educacionais e institucionais, fornecendo as bases teóricas para a análise literária desenvolvida no capítulo seguinte.

3. CONSTRUÇÃO NARRATIVA E CRÍTICA SOCIAL

Este item inicia-se com uma breve apresentação do conceito de crônica no campo literário, para, em seguida, propor uma análise da obra *Professora Benedita*, de Farias (2014), com foco em sua construção narrativa, em seus elementos literários e na representação das desigualdades estruturais de raça e gênero tratadas na crônica. De acordo com Soares:

Ligada ao tempo (*chrónos*), ou melhor, ao seu tempo, a crônica o atravessa por ser um registro poético e, muitas vezes, irônico, por meio do qual se capta o imaginário coletivo em suas manifestações cotidianas. Polimórfica, utiliza-se afetivamente do diálogo, do monólogo, da alegoria, da confissão, da entrevista, da resenha, de personalidades reais e de personagens ficcionais, afastando-se sempre da mera reprodução de fatos. E, enquanto literatura, capta poeticamente o instante, perenizando-o (Soares, 2007, p. 64).

Como se observa nessa definição, a crônica, para além de seu caráter inicialmente histórico e documental, assume também uma função estética e crítica, articulando memória, cotidiano e reflexão social. É nesse horizonte que se insere a crônica de Farias (2014), cujo texto rememora a trajetória da professora Benedita. Com base em um evento real envolvendo a estudante Sônia Regina Abreu, vítima de ofensas raciais em 2014 na Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Altamira, o cronista constrói uma narrativa que ficcionaliza a experiência vivida, narrando a história de uma mulher negra e trabalhadora que, ao longo da vida, enfrentou diversas adversidades até alcançar o sonho de se tornar professora e melhorar sua condição socioeconômica.

A personagem Benedita Furtado, carinhosamente chamada de “Bené”, nasceu em uma família humilde do interior e trabalhou desde cedo na roça. Ao se mudar para a cidade, inicia sua trajetória como empregada doméstica e, com o apoio da patroa, consegue estudar, formar-se em História e tornar-se docente.

Entretanto, a crônica assume um rumo trágico ao revelar o desfecho da vida de Benedita. Já concursada e respeitada em sua comunidade escolar, a professora é brutalmente assassinada e violentada, vítima de um crime motivado pelo racismo e pelo ódio. O narrador, colega de trabalho da vítima, expressa profunda dor, indignação e impotência diante da barbárie. Dessa forma, a crônica transforma um caso real de racismo em uma narrativa literária de denúncia e reflexão, abordando, com sensibilidade e contundência, os temas do racismo, da violência de gênero e da luta por dignidade e justiça social.

Por tratar de um tema ainda recorrente no seio social, a crônica, além de despertar

afetos individuais e coletivos, carrega consigo marcas da oralidade popular. Um exemplo significativo dessa oralidade é a forma como os personagens se referem à professora Benedita, chamando-a de “Fessora Bené”, o que não apenas humaniza a personagem, mas também a conecta à cultura local e à maneira como a comunidade a percebia. No início da narrativa, o autor afirma:

Hoje faz três anos que perdemos nossa colega professora Benedita. Mãe, mulher, cumpridora de seus deveres, pessoa digna na reivindicação de seus direitos. Ministrava aulas de História em nossa escola. Gostava demais daquelas horas com seus alunos. “Quanta falta a ‘Fessora’ Bené faz!”, me diz emocionada uma aluna, apresentando-me ainda pouco, em seu celular, uma foto dela abraçada à docente no final dos jogos intermunicipais (Farias, 2014).

A obra de Farias (2014) mobiliza lembranças não apenas individuais, mas também coletivas, ao transformar a trajetória da professora Benedita em um legado emocional compartilhado por toda a comunidade escolar. A narrativa preserva, assim, a presença simbólica da docente, exaltando os laços de afetividade, respeito e admiração que permanecem vivos mesmo após sua ausência. Nesse sentido, a memória que atravessa a crônica aproxima-se da escrita de Conceição Evaristo, para quem recordar é também um gesto de resistência, como se observa em:

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a crescer, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância (Evaristo, 2014, p. 16).

Assim, tanto na crônica quanto no conto, a memória funciona como herança afetiva e política, convocando a sociedade a não esquecer as histórias de mulheres negras vítimas da violência estrutural. Na sequência da narrativa, o autor introduz o contexto social e histórico da personagem por meio de uma progressão descritiva cronológica. Outro aspecto relevante da crônica é sua função social, ao exemplificar a interseccionalidade na vida de mulheres negras.

A licenciada em História, Benedita Furtado, a “Bené”, como a conhecíamos, compõe o perfil de tantas outras brasileiras. Nasceu em família simples do interior. Filha de agricultores, dos sete aos vinte anos trabalhou na roça, local de sol duro, terra em que filho chora e mãe não vê. E, se vê, diz: “um dia isso vai mudar, meus filhos” [...] (Farias, 2014).

Para compreender essa dimensão social expressa na trajetória da personagem, é pertinente recorrer ao conceito de interseccionalidade formulado por Crenshaw (2002), que busca compreender como diferentes formas de opressão, como o racismo, o patriarcado e as desigualdades de classe, se articulam e se sobrepõem, gerando impactos estruturais que moldam as experiências de grupos marginalizados. Essa perspectiva manifesta-se na crônica de Farias (2014) por meio da trajetória de Benedita, mulher negra e pobre que, desde a

infância, trabalha na roça e, já adulta, migra para a capital para exercer o trabalho doméstico.

Desse modo, a crônica exemplifica a interseccionalidade ao evidenciar que a exclusão vivida por Benedita não pode ser compreendida de forma isolada, mas resulta da sobreposição de múltiplas desigualdades que estruturam a sociedade brasileira. A escolha do “dia da raça” para a viagem da personagem é carregada de ironia, pois, enquanto o país celebra a diversidade racial, a realidade vivida por Benedita revela uma luta contínua contra o racismo estrutural que persiste em limitar suas oportunidades.

Ricardo (2007) ressalta que “o cronista cria personagens, mas sempre a partir de uma matriz real, isto é, pessoas reais que se tornam personagens”. Tal observação se aplica à crônica *Professora Benedita*, que evidencia desigualdades estruturais de raça e gênero, além de revelar as dificuldades enfrentadas por mulheres negras no acesso a trabalhos considerados formais pela sociedade. Soma-se a esse entendimento a constatação de Gonzalez (2020, p. 86) ao afirmar que “a força de trabalho negra permaneceu confinada nos empregos de menor qualificação e pior remuneração”.

Na sequência da narrativa, o autor descreve o dia da viagem, a partida da personagem do campo para a cidade, evidenciando os percalços e as dificuldades sociais e físicas enfrentadas por ela. Esse momento é apresentado como um episódio angustiante e marcante, que simboliza a experiência de muitas mulheres que migram em busca de melhores condições de vida.

Chuva, sol, trabalho duro, coração apertado.... Chegara o dia de sua partida. Mesmo tenebroso com as incertezas que a vida [nos] prega, o pai, já viúvo, liberou a filha: “Vá com Deus, minha filha”. Com a voz e o corpo embargado, fez questão de abraçar firme aquela que poderia, junto à irmã mais velha, melhorar a condição da família (Farias, 2014).

Nesse fragmento, observa-se o cuidado com a elaboração da linguagem, evidenciado pelo uso de expressões coloquiais e regionais que reforçam o vínculo afetivo e a origem humilde da família. A repetição de elementos do cotidiano e o tom afetivo da enumeração aproximam o leitor da fala popular e do universo emocional da personagem. Além disso, nota-se a alternância entre discurso direto e indireto, recurso que confere dinamismo e verossimilhança à narrativa.

Wittke (2018, p. 104) destaca que o discurso relatado na crônica pode se aproximar ou se distanciar do dizer, dependendo do efeito semântico desejado, utilizando recursos como discurso direto e indireto. Na obra de Farias (2014), essa alternância equilibra emoção e reflexão, permitindo ao leitor experimentar tanto a intimidade das cenas quanto a crítica social subjacente.

A transição do campo para a cidade não é apresentada apenas como deslocamento

físico, mas como um processo simbólico que reflete as tensões entre a idealização do espaço rural e os desafios da vida urbana. Nesse sentido, Leitão (2007) observa que a literatura brasileira construiu, ao longo do tempo, uma coexistência entre o imaginário rural e urbano, marcada por conflitos e desigualdades sociais.

Ao chegar à cidade, Benedita se depara com um novo mundo, cujos contrastes sociais se evidenciam desde o primeiro contato com a casa da patroa: “Após uns quarenta minutos de estrada, desembarcou no local indicado. Em frente à casa, ou melhor, à mansão, começou a chamar: ô de casa” (Farias, 2014). A cena revela, de forma sutil, a tensão social entre mundos desiguais. A simplicidade do discurso contrasta com a grandiosidade do espaço, evidenciando hierarquias raciais e sociais. Arrigucci Junior (1987, p. 55) afirma que a crônica se aproxima do cotidiano e encontra, nas pequenas cenas da vida diária, sua mais alta poesia. É justamente essa poesia do cotidiano que se manifesta em *Professora Benedita*, transformando situações aparentemente banais em crítica social.

A condição de Benedita como trabalhadora doméstica dialoga com a análise de Ângela Davis (2016), ao apontar que, no período pós-escravidão, as mulheres negras foram majoritariamente empurradas para o trabalho doméstico, ocupação marcada pela herança da escravidão e pela ausência de reconhecimento social. A trajetória da personagem representa, assim, milhares de mulheres negras que, apesar das adversidades, encontraram na educação uma possibilidade de ascensão social.

A narrativa evidencia o percurso educacional de Benedita, desde os estudos básicos até a graduação em História, reforçando a educação como instrumento de mobilidade social e empoderamento feminino. Candido (2003) afirma que a crônica contribui para restabelecer a dimensão humana das pessoas, e esse aspecto se manifesta na construção da personagem, cuja trajetória combina trabalho, estudo e constituição familiar.

Entretanto, em contraste com a melhora da qualidade de vida da personagem, a narrativa culmina em um momento trágico: o assassinato da professora Benedita. O narrador intensifica a indignação coletiva diante do racismo e do feminicídio, inserindo a personagem nas estatísticas de mulheres negras assassinadas no país. Como relata Farias (2014): “Encontramos o corpo da historiadora Benedita jogado em um matagal ao lado da escola”.

Esse desfecho simboliza a violência extrema que atravessa a trajetória de mulheres negras, mesmo diante de conquistas sociais. Como destaca Ribeiro (2019), mulheres negras ocupam um lugar de maior vulnerabilidade social em uma sociedade que produz e reproduz desigualdades raciais e de gênero. A violência narrada na crônica culmina na inserção de um bilhete racista junto ao corpo da vítima, cujos dizeres reproduzem discursos de ódio presentes no caso real ocorrido na UFPA em 2014.

A crônica exemplifica a observação de Ricardo (2007), segundo a qual o cronista transforma acontecimentos cotidianos em matéria literária. Ao ficcionalizar o episódio real, Farias converte a violência simbólica em violência física, revelando o desconforto social diante da ascensão de pessoas negras. Tal mecanismo pode ser compreendido à luz da análise de Kilomba (2019), que demonstra como o racismo opera por meio da negação e da projeção, transformando o opressor em vítima e o sujeito negro em ameaça.

No racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial: “Elas/ es querem tomar o que é Nosso, por isso Elas/ es têm de ser controladas/os.” A informação original e elementar – Estamos tomando o que é Delas/es” – é negada e projetada sobre a/ o “outra/ o” – elas/ eles estão tomando o que é Nosso” -, o sujeito negro torna-se então aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado. Enquanto o sujeito negro se transforma em inimigo intruso, o branco torna-se a vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se oprimido e o oprimido, o tirano (Kilomba, 2019, p. 34).

O texto se encerra com um tom de perda e impotência. O narrador mistura memória, dor e indignação, reforçando a necessidade de justiça e reflexão sobre as violências raciais e de gênero no Brasil. Como observa Arrigucci Junior (1987), a crônica pode adquirir espessura literária ao penetrar nos meandros psicológicos e sociais da realidade. Dessa forma, *Professora Benedita* configura-se como uma narrativa de resistência e denúncia social na Amazônia, somando-se a vozes como Conceição Evaristo, Ângela Davis, Djamila Ribeiro e Grada Kilomba. No próximo capítulo, essa trajetória literária será analisada a partir de sua transfiguração para o teatro, na peça *Bené, Benedita!*, em que a voz silenciada pela violência ressurgiu na cena como forma de memória, denúncia e conscientização social.

4. TRANSFIGURAÇÃO TEATRAL EM *BENÉ, BENEDITA!*

Este item empreende leitura crítica do processo de adaptação da crônica *Professora Benedita*, de Fernando Farias (2014), para o texto teatral *Bené, Benedita!*, relacionando essa transfiguração ao roteiro, às imagens dos ensaios e à apresentação da peça, realizada em 20 de novembro de 2024, na Concha Acústica Silvino Pantoja, na Orla do Cais, em Altamira-PA, em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra, dentro da programação “Encontro de Arte e Religiosidade Afro-Brasileira da Transxingu”.

Para compreender esse movimento adaptativo, faz-se necessário explicitar a noção de transfiguração adotada neste estudo. Segundo Hutcheon (2013, p. 29), “a adaptação é uma transposição anunciada e extensiva de uma ou mais obras em particular”. Nesse sentido, *Bené,*

Benedita! não se limita a recontar a narrativa da crônica, mas a reinscreve em um novo contexto artístico e político, ampliando seus sentidos simbólicos e sociais. Nessa esteira, Hutcheon (2013) destaca ainda o caráter interpretativo do processo adaptativo. A peça traz para o centro da cena o racismo e o feminicídio sofridos por Benedita, mulher negra cuja trajetória é simbolicamente associada a São Benedito. Filho de africanos escravizados, São Benedito é representado na tradição católica como símbolo de humildade, obediência e caridade, frequentemente retratado com o menino Jesus ao colo (Rocha, 2022, p. 57). Essa referência amplia o sentido simbólico da personagem Benedita, configurando-a como modelo de resistência moral forjada na precariedade, cuja dignidade silenciosa não é anulada pelas limitações impostas pelo racismo estrutural.

Já no início da crônica, Farias (2014) sinaliza a dimensão racial da narrativa ao mencionar a expressão “dia da raça”, introduzindo uma ironia que denuncia o racismo estrutural que atravessa a trajetória da personagem. Esse elemento simbólico é retomado na adaptação teatral, inclusive na materialidade do roteiro, cuja capa apresenta a imagem da professora Diva Guimarães, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Capa do roteiro da adaptação teatral *Bené, Benedita!*

APRESENTAÇÃO DO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA 2024
PEÇA TEATRAL: BENÊ, BENEDITA!




Imagem: professora Diva Guimarães

Roteiro: Prof. Dr. Fernando Farias
Adaptação: Grupo GANSA
Elenco: Grupo Artístico-Cultural Não Se Assuste - GANSA

SINOPSE, ELENCO

SINOPSE – A peça teatral “Benê, Benedita!” é baseada na crônica “professora Benedita”. Conta a história de uma mulher, negra e órfã, que por meio dos estudos tornou-se professora e mudou parte de sua condição socioeconômica. Entretanto, a vida, com suas parcelas de tragicidade, inseriu em sua trajetória um revés estupefaciente, uma ação que covardemente insiste em ecoar até os nossos dias: o racismo, o feminicídio.

Fonte: Acervo do Grupo Artístico Cultural Não Se Assuste – GANSA (2024).

A imagem de Diva Guimarães funciona como ponte entre o texto literário e a experiência real da resistência ao racismo. Educadora brasileira reconhecida nacionalmente, Diva construiu uma trajetória marcada pelo enfrentamento das desigualdades raciais por meio da educação (Da Redação, 2025). A escolha de sua imagem não se restringe a uma homenagem, mas aproxima a narrativa ficcional das vivências concretas de mulheres negras no ambiente escolar. De modo semelhante, Benedita representa a mulher negra marcada por uma infância de exclusão, racismo e silenciamento social. Enquanto Diva encontra na educação uma possibilidade concreta de ascensão e voz, Benedita evidencia os limites impostos pelo racismo estrutural e pela violência de gênero. As duas trajetórias dialogam ao revelar diferentes faces da experiência da mulher

negra no Brasil, unidas pela resistência e pela denúncia das desigualdades sociais. No cartaz de divulgação da peça, conforme a Figura 2, observa-se, ao centro, a imagem de um ensaio do espetáculo e, acima, a ilustração de uma mulher negra. Por questões de direitos de imagem, optou-se pela utilização de uma obra do artista visual Alex Lima, cuja pintura evoca ancestralidade, resistência e protagonismo feminino negro, reforçando as temáticas centrais da encenação.

Figura 2 – Cartaz de divulgação da peça teatral *Bené, Benedita!*



Fonte: Acervo do Grupo GANSA (2024).

Conforme Mate (2012, p. 87), “um texto é todo material fixado por meio da escrita, da fala, da gestualidade, da imagem, ou da justaposição disso tudo”. A crônica apresenta uma

passagem significativa da infância da protagonista, marcada pelo trabalho precoce no campo (Farias, 2014). Essa experiência é transfigurada na peça teatral por meio da inserção do poema *Me gritaram negra*, de Victoria Santa Cruz (2020), no qual a voz poética relata a experiência da racialização desde a infância. A menina trabalhadora da crônica é, assim, ressignificada como a menina racializada do poema, ampliando o alcance simbólico da narrativa no espaço cênico. Essa transfiguração ganha materialidade na cena em que a personagem performa o poema cercada por integrantes do elenco que representam as vozes sociais opressoras, das quais ela se liberta simbolicamente, conforme a Figura 3.

Figura 3 – Apresentação da peça teatral *Bené, Benedita!*



Fonte: Acervo do GANSA (2024).

A narrativa literária converte-se, desse modo, em expressão corporal, vocal e coletiva, explorando diferentes linguagens. Como destacam Lima, Andrade e Gomes (2021), o teatro, especialmente em contextos educativos, privilegia o processo formativo e a construção coletiva

de sentidos.

Outro momento significativo da adaptação ocorre no uso do poema *Alfanje*, de Almeida (2018), que abre e encerra a peça. Na crônica, a memória de Benedita é marcada pelo relato direto da violência; na adaptação, essa memória é convertida em representação coletiva da resistência feminina negra. O recurso de duas atrizes recitando o poema remete simbolicamente às duas irmãs da narrativa, reforçando a duplicidade feminina presente tanto na crônica quanto na encenação, conforme a Figura 4.

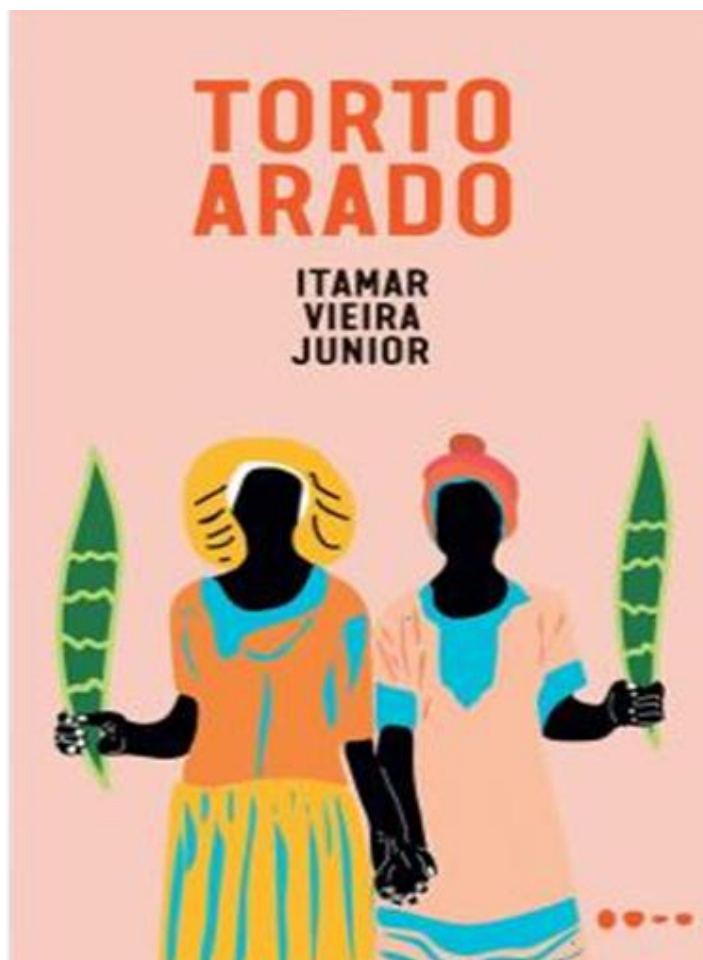
Figura 4 – Ensaio da peça teatral *Bené, Benedita!*



Fonte: Acervo do GANSA (2024).

Essa duplicidade dialoga com a materialidade editorial do romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior (2019), cuja capa apresenta duas figuras femininas negras lado a lado, conforme se observa na Figura 5.

Figura 5 – Capa da obra *Torto Arado*, Itamar Vieira Junior



Fonte: VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

Conforme analisam Oliveira e Farias:

esses elementos simbólicos contribuem para a construção de sentidos ligados à memória, à ancestralidade e à resistência. Ao transpor essa duplicidade para o espaço cênico, a adaptação teatral reinscreve, em outra linguagem, os significados presentes no romance, ampliando seu alcance estético e político (Oliveira e Farias, 2025).

Ao examinarem os elementos visuais e simbólicos presentes na materialidade editorial do romance, destacam o modo como a duplicidade feminina se manifesta. Conforme explicitado a seguir:

A capa apresenta duas figuras femininas, duas irmãs tal como Belonísia e Bibiana, de mãos dadas, cada uma segurando uma espada de Santa Bárbara e/ou espada de Iansã (notamos que a suavização da fotografia para a imagem de capa, isto é, do facão para a planta de inspiração mística, temática circundante ao romance). A espada entre as religiões de matriz africana (ou aqueles que têm certa influência, como é o Jarê), traz a conotação de proteção, “arma”, resistência (Oliveira e Farias, 2025, p. 5).

Nesse sentido, a relação entre a Figura 4 e a Figura 5 pode ser compreendida como um processo de transfiguração simbólica. A imagem editorial da capa de *Torto arado*, Figura 5, é transfigurada na adaptação teatral por meio da presença de duas atrizes em cena Figura 4. Ao migrar do suporte gráfico para o espaço cênico, essa duplicidade feminina deixa de operar apenas como signo visual e passa a manifestar-se como experiência performativa, na qual corpo, voz e

objetos simbólicos atualizam, no presente da cena, os sentidos construídos na obra literária. Assim, a adaptação não apenas dialoga com a materialidade editorial do romance, mas a reinscreve em outra linguagem, ampliando seu alcance político, estético e identitário.

Na crônica, Benedita é apresentada como professora dedicada e profundamente ligada a seus alunos (Farias, 2014). Na adaptação teatral, essa dimensão é ampliada por escolhas simbólicas, como a nomeação da escola como Luther King e o uso de nomes de mulheres negras históricas, Dandara, Aretha, Marielle e Luislinda, para as personagens.

Esses nomes funcionam como dispositivos discursivos que ampliam a narrativa para uma dimensão coletiva e social, na qual a memória negra e a valorização de trajetórias historicamente silenciadas tornam-se elementos estruturantes da encenação.

Em nossa leitura, esse recurso de nomeação simbólica de personagens negros dialoga, diretamente com a perspectiva apresentada por Costa (2020), para quem o contato com trajetórias de mulheres negras, ainda que não aprofundado, no ambiente escolar, é essencial para a construção positiva da identidade de adolescentes negras(os). Segundo o autor:

Conhecer trajetórias de mulheres negras de um modo não estereotipado na educação básica, é dar subsídio para que adolescentes negras (os) construam suas identidades e suas percepções sobre a negritude de modo positivo [...] enxergando a si e a sociedade que os cercam pela perspectiva histórica que revela o valor e luta da população negra (Costa, 2020, p. 18).

Essa valorização simbólica e pedagógica das trajetórias negras, construída no roteiro, não se restringe ao plano textual, mas se materializa também na organização do espaço cênico e na escolha dos elementos visuais da encenação, como se observa na Figura 6. A organização do espaço e os materiais cênicos mantiveram as referências à sala de aula, evidenciando a transposição do texto literário para a cena teatral.

Figura 6 – Apresentação da peça teatral *Bené, Benedita!*



Fonte: Acervo do GANSA (2024).

A materialidade da cena, portanto, dialoga com as etapas formativas do fazer teatral, que, conforme destacam Lima, Andrade e Gomes (2021), constituem parte essencial da transfiguração da narrativa para o palco:

Construir e desenvolver uma produção teatral é uma oportunidade de abordar as várias linguagens e desenvolver uma série de ações individuais e coletivas que podem contribuir efetivamente para uma aprendizagem significativa, a exemplo da escolha do tema, da realização de leituras e pesquisas, da adaptação de textos, da elaboração do roteiro, da divisão de papéis, da escolha do elenco, do levantamento de recursos, da produção do cenário e do figurino (Lima, Andrade e Gomes, 2021, p. 96).

No desfecho, a transfiguração torna-se ainda mais evidente. Enquanto a crônica descreve de forma direta e brutal o assassinato de Benedita (Farias, 2014), a adaptação opta por uma representação simbólica, sugerida por sonoplastia e pela reação da comunidade escolar. Nos ensaios, essa cena adquire maior intensidade dramática por meio da corporalidade e do movimento dos atores, configurando uma criação exclusivamente teatral de acordo com a Figura 7.

Figura 7 – Ensaio da peça teatral *Bené, Benedita!*



Fonte: Acervo do Grupo GANSA (2024).

A inserção da coreografia *A Morte do Cisne*, de Michel Fokine, intensifica o caráter simbólico do momento, com a figura do “cisne negro” funcionando como prenúncio da morte da personagem, como se observa na Figura 8.

Figura 8 – Ensaio da peça teatral *Bené, Benedita!*



Fonte: Acervo do Grupo GANSA (2024).

Sobre essa expressão artística, Ferreira (2022) explica que *A Morte do Cisne*,

interpretada inicialmente pela bailarina Anna Pavlova, alcançou forte expressividade pela intensidade corporal que traduz o esgotamento vital da personagem cênica. Segundo a autora, o movimento dos braços, que se confundem com o bater das asas da ave, os gestos trêmulos, a curvatura da cabeça e do pescoço e a expressão facial aflita constroem uma imagem simbólica da morte iminente. Trata-se, nas palavras de Ferreira (2022, p. 370), de “um cisne movendo-se em direção à morte”, cuja coreografia mobiliza pequenos e rápidos *pas de bourrées*, uma espacialidade desorientada e braços que agonizam no derradeiro suspiro, compondo uma narrativa condensada do fim de uma vida.

Essa compreensão do gesto coreográfico como construção simbólica aproxima-se das reflexões de Moraes (2019), ao afirmar que a coreografia contemporânea rompe com estruturas tradicionais e reorganiza seus elementos compositivos. Para a autora, as transformações do conceito de coreografia passam pelo questionamento de parâmetros teatrais consolidados, como a linearidade do palco, o tempo narrativo condensado e a codificação fixa dos movimentos. Embora a dança moderna tenha proposto novas plasticidades corporais, foi a partir das rupturas conceituais dos anos 1960 que a coreografia passou a tensionar suas próprias bases, deslocando-se da mera sequência de movimentos para uma reflexão estrutural sobre corpo, espaço e sentido (Moraes, 2019, p. 371).

Na crônica nesse desfecho, temos a informação de que Benedita foi “covardemente estuprada e morta”, tendo ainda um bilhete na boca com frases racistas como “Vai pro inferno professorinha neguinha suja, você e todas as aberrações de cor desta cidade” (Farias, 2014). Trata-se de uma cena brutal e direta que expõe, sem mediação, a violência sofrida pela personagem. Na adaptação para o texto teatral, essa mesma passagem não é reproduzida de maneira literal. Em vez de mostrar a violência, de forma explícita, o roteiro opta por uma representação simbólica, utilizando a canção “Encontro com a Saudade”, versão interpretada por Alaíde Costa, no ano de 1961.

A mudança, ao que se percebe, não foi somente estética, mas política. Ao substituir a cena direta do crime por uma voz histórica, sutilmente percebemos uma intenção: relembrar a voz e o talento de uma mulher negra, vítima de preconceito/racismo, uma das melhores intérpretes da música popular brasileira que está longe de ser esquecida. Como se observa na Figura 9 temos esse registro da transposição em um dos ensaios, quando uma das atrizes interpreta a canção junto aos alunos da professora, envolve corpo, voz e presença, permitindo ao público vivenciar o peso simbólico do ato.

Figura 9 – Ensaio da peça teatral *Bené, Benedita!*



Fonte: Acervo do Grupo GANSA (2024).

Esse processo reforça o que Mate (2012, p. 91) observa ao afirmar que “atores, texto e público, quaisquer outros aspectos que se somar (figurino, iluminação, sonoplastia, maquiagem...) tenderão a tornar o resultado expressivo esteticamente mais qualitativo”. No palco, a música deixou de ser apenas trilha e passa a funcionar como linguagem dramática, expressando fisicamente aquilo que, na crônica, aparece como relato direto, sobretudo quando evoca em seu refrão os seguintes dizeres: “Acho bom eu até combinar / Encontro com a saudade de você / Saudade faz parte também do amor” (Blanco; Queiróz, 1961).

Na crônica, Farias (2014) encerra com uma fala em primeira pessoa, marcada pela dor e pelo impacto emocional do narrador diante da morte de Benedita: “A mesma navalha que cortara o corpo de nossa colega professora, naquele exato momento, dilacerara, perpetuamente, minha alma de ser humano”. Trata-se de um desfecho intimista e subjetivo, que enfatiza a vivência emocional, individual do narrador frente à violência sofrida pela personagem. Na adaptação teatral, esse foco é deslocado para uma construção imagética e coletiva da dor. As imagens analisadas reforçam essa transformação. Na Figura 10, observa-se, durante o ensaio, os atores cercando o corpo da professora com flores brancas, elemento simbólico que remete ao luto, à perda e à dor compartilhada pela comunidade escolar.

Figura 10 – Ensaio da peça teatral *Bené, Benedita!*



Fonte: Acervo do Grupo GANSA (2024).

Já na Figura 11, a personagem Benedita aparece no colo dos alunos, com a roupa manchada de sangue e, ao fundo, a inscrição “Vidas Negras Importam”, explicitando a dimensão social e histórica da violência que atravessa a narrativa. Nesse momento, o final da peça deixa de se restringir à emoção individual do narrador e se transforma em denúncia política e memória coletiva.

Figura 11 – Apresentação da peça teatral *Bené, Benedita!*



Fonte: Acervo do Grupo GANSA (2024).

Assim, a adaptação confirma a reflexão de Hutcheon (2013) de que adaptar não é reproduzir, mas reinscrever uma narrativa em outra linguagem, produzindo novos sentidos. Em

Bené, Benedita!, a crônica permanece reconhecível em seus núcleos temáticos e simbólicos, mas é recriada de forma cênica e coletiva, intensificando seu impacto visual, performativo e crítico diante do racismo e do feminicídio contra mulheres negras.

Ao evidenciar esse percurso de transfiguração, o presente estudo demonstra que *Bené, Benedita!* não se limita à adaptação de uma narrativa literária, mas constrói uma poética cênica própria, na qual memória, denúncia e resistência se articulam no espaço teatral. Desse modo, a encenação amplia o alcance político e simbólico da obra original, reafirmando o teatro como lugar de visibilidade, reflexão crítica e enfrentamento das violências históricas que atravessam os corpos e as trajetórias de mulheres negras.

5. PALAVRAS FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho demonstra que o racismo e o feminicídio contra mulheres negras no Brasil não se configuram como fatos isolados, mas como expressões de um sistema histórico de opressão, enraizado na escravidão, no colonialismo e na permanência da colonialidade do poder. Episódios de preconceito em instituições educacionais, bem como dados recentes de órgãos oficiais, evidenciam que essas violências continuam a se reproduzir de forma interseccional, atingindo mulheres negras em diferentes idades e contextos sociais.

Os dados e relatos analisados indicam que a violência assume múltiplas formas: física, psicológica, simbólica, institucional e social revelando como racismo estrutural e feminicídio se articulam na manutenção das desigualdades e no silenciamento das vítimas. Nesse cenário, o enfrentamento dessas violências não pode restringir-se apenas à esfera legal ou às políticas públicas, exigindo também transformações culturais, institucionais e educativas que desestabilizem estereótipos historicamente consolidados.

A crônica *Professora Benedita*, de Fernando Farias (2014), evidencia o potencial da literatura como instrumento de reflexão social ao articular memória, cotidiano e linguagem poética. Ao narrar a trajetória de Benedita, a obra expõe as desigualdades estruturais que atravessam a experiência de mulheres negras, como o racismo, a violência de gênero e a limitação de oportunidades. A construção narrativa, marcada pela oralidade, pela progressão cronológica e pela força simbólica das cenas, promove empatia e indignação, aproximando o leitor da realidade social representada.

Ao transformar a experiência individual da personagem em símbolo coletivo de denúncia e resistência, a crônica dialoga com produções críticas da literatura negra contemporânea e reafirma o papel da arte na construção da memória social. Nesse sentido, a

obra transcende o campo ficcional e se afirma como ferramenta de conscientização, evidenciando a relevância da abordagem dessas temáticas nos diferentes níveis de ensino.

A adaptação da crônica para a peça *Bené, Benedita!* evidencia como a transfiguração para a linguagem teatral preserva o núcleo narrativo da obra, ao mesmo tempo em que amplia seus sentidos por meio da corporeidade, da visualidade e da coletividade da cena. Enquanto o texto literário é mediado pela voz do narrador, o teatro transforma a narrativa em experiência sensível compartilhada, na qual gestos, sons e imagens potencializam o impacto simbólico e político da história.

Dessa forma, a adaptação não se configura como mera reprodução, mas como recriação estética que intensifica a denúncia do racismo e do feminicídio contra mulheres negras, deslocando a dor individual para uma experiência coletiva de memória e resistência. Assim, o estudo reafirma a importância da literatura e do teatro como espaços privilegiados de crítica social, capazes de contribuir para a reflexão acadêmica e para a construção de práticas culturais comprometidas com a valorização da vida e da dignidade das mulheres negras.

6. REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Neide. Alfanje. In: ALMEIDA, Neide. **Nós: 20 poemas e uma oferenda**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. “Fragmentos sobre crônica”, in: **Enigma e comentários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BLANCO, Billy; QUEIRÓZ, Nilo. Encontro com a saudade. In: COSTA, Alaíde. **Jóia moderna**. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1961. Faixa 1.

BOM DIA BRASIL. Mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil, aponta Anistia Internacional. **Bom Dia Brasil**, 28 mar. 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11585742/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, pp. 89-99.

COSTA, Rayme Tiago Rodrigues. **De Dandara a Firmina: o ensino de história do Brasil a partir de mulheres negras no ensino médio integrado**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Ananindeua, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/15522>. Acesso em: 4 jun. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da

discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 22 out. 2025.

DA REDAÇÃO. **Quem foi a professora Diva Guimarães, que emocionou o Brasil com discurso contra o racismo**. *Centro de Referências em Educação Integral*, [S. l.], 13 jan. 2025. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/quem-foi-professora-diva-guimaraes-que-emocionou-o-brasil-com-discurso-contra-o-racismo/>. Acesso em: 18 jan. 2026.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Pâmela; ALFANO, Bruno. “Eu rezava para ser branco”: discriminação e ofensas na escola são 1ª experiência que pessoas negras têm com racismo, dizem pesquisadores. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 mar. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/eu-rezava-para-ser-branco-discriminacao-ofensas-na-escola-sao-1-experiencia-que-pessoas-negras-tem-com-racismo-dizem-pesquisadores-25442723>. Acesso em: 2 maio 2025.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FARIAS, Fernando. **Bené, Benedita!** Roteiro teatral. Altamira, 2024. Material não publicado.

FARIAS, Fernando. Professora Benedita. In: **Crônicas do Ensino Básico**. 1. ed. São Paulo: 3 Torres Gráfica Rápida, 2014. v. 1, p. 23–25.

FERREIRA, Lívia. **Estudante denuncia ter sofrido racismo na Universidade Federal do Piauí: “De qual tribo faz parte?”**. G1 Piauí, 30 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2025/01/30/estudante-denuncia-ter-sofrido-racismo-na-universidade-federal-do-piaui-de-qual-tribo-faz-parte.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2025.

FERREIRA, Rousejanny da Silva. La supervivenciadel gesto: migraciones y pasiones en torno a la coreografía *La muerte del cisne*. **Calle14: Revista de Investigación en el Campo del Arte**, v. 17, n. 32, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=279071863012>. DOI: <https://doi.org/10.14483/21450706.19628>. Acesso em: 17 nov. 2025.

G1 PARÁ. Estudante vítima de injúria racial pela internet recebe mensagens de apoio: UFPA manifestou repúdio e protesto contra agressões a Sonia Abreu. Universitários se mobilizam para ato em apoio à jovem, na capital do Pará. **G1**, Belém, 15 set. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/09/estudante-vitima-de-injuria-racial-pela-internet-recebe-mensagens-de-apoio.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Adrielly da Silva; ARAÚJO, André Luís de; MELO, Maria de Fátima Vilar de. Processos de resistência e emancipação do leitor-espectador-ouvinte no combate ao racismo estrutural: a escrevivência de Conceição Evaristo em ato / Processes of Resistance and Emancipation of the Reader Spectator-Listener in the Fight Against Structural Racism: Conceição Evaristo’s Escrevivência in **Action Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, 20 (3), 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p66711>. Acesso em: 29 jul. 2025.

GOMES, Izabel Solyszko. *Feminicídios: um longo debate*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, e39651, 2018. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38156079006>. Acesso em: 4 fev. 2025.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização de Flávio Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRUPO ARTÍSTICO CULTURAL NÃO SE ASSUSTE-GANSA. [Fotografias de ensaios e apresentações da peça **Bené, Benedita!**]. 2024. Arquivo pessoal do autor, do Grupo.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. 2. ed. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

JOVEM negra diz ter sido vítima de agressão racista em formatura: Dandara Tonantzin afirma que três homens brancos retiraram o turbante que usava e jogaram cerveja nela durante festa promovida por formandos da UFU. **Revista Veja**, São Paulo, 24 abr. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/jovem-negra-diz-ter-sido-vitima-de-agressao-racista-em-formatura/>. Acesso em: 12 maio 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITÃO, Luiz Ricardo. **O campo e a cidade na literatura brasileira**. Veranópolis: Iterra, 2007.

LIMA, Priscila Sandra Ramos de; ANDRADE, Francisco Rogiellyson da Silva; GOMES, Dannytza Serra. Do texto literário ao texto teatral: um relato de experiência da leitura de O Mágico de Oz com alunos do Ensino Médio. **Educação em Debate**, Fortaleza, v. 43, n. 85, p. 93–108, maio/ago. 2021. DOI: 10.24882/eemd.v43i85.72467. Disponível em: <https://periodicos.ufc.br/educacaoemdebate/article/view/72467>. Acesso em: 14 nov. 2025.

MATE, Alexandre. **Uma proposta de adaptação de textos literários para a linguagem teatral: “Tudo certo como dois e dois são cinco”**. São Paulo: Instituto de Artes – UNESP, 2012. Trabalho apresentado à disciplina Conteúdos e Didática de Artes. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40522/1/01d18t07.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2025.

MIRANDA, Cynthia Mara; CARVALHO, Carlos Alberto de. Narrativas do feminicídio na Amazônia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/381/38172849017/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

MORAES, Juliana Martins Rodrigues de. O conceito de coreografia em transformação. **Urdimento**, Florianópolis, v. 1, n. 34, p. 362-377, mar./abr. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101342019362>. Acesso em: 17 nov. 2025.

OLIVEIRA, Anna Clara Cunha de; FARIAS, Fernando Jorge dos Santos. **Materialidade em Torto Arado, de Itamar Vieira Junior**: elementos simbólicos, físicos e editoriais presentes nas edições do romance. In: GELNORTE, 2025. Anais [...]. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICARDO, Sérgio. A crônica e o conto. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/teoria-literaria/2226899>. Acesso em: 17 out. 2025.

ROCHA, Elaine Pereira. Saci-Pererê e São Benedito: entidades negras, religiosidade e memórias da escravidão. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, v. 24, n. 43, 2022. Universidade Federal da Grande Dourados. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=588273523005>. Acesso em: 12 nov. 2025.

SANTA CRUZ, Victoria. **Me gritaram negra**. Poema. 2020. Disponível em: <https://gilvander.org.br/site/poema-me-gritaram-negra-de-victoria-santa-cruz/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

SIQUEIRA, Samara Tirza Dias. **Mulheres negras no palco do debate sobre crimes raciais: uma análise das ofensas racistas no Tribunal de Justiça do Pará**. 2022. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

SOARES, Angelica. **Gêneros Literários**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2007.

SOUSA, Larissa Oliveira de; AZEVEDO, Thiago Augusto Galeão de. A dupla vulnerabilização da mulher negra: Uma análise sobre interseccionalidade e violência. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, v. 10, n. 1, 2024.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

WITTKE, Cleide Inês. O papel do discurso do outro na crônica. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 1, p. 103–117, jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/el.v16i1.4883>. Acesso em: 23 out. 2025.